



A PRODUÇÃO DA PAISAGEM POR COMUNIDADES PLURI - ÉTNICAS DO RIO CUIEIRAS (BAIXO RIO NEGRO, AMAZÔNIA CENTRAL, BRASIL)

Thiago Mota Cardoso

Marilena A. Arruda Campos; Gilton Mendes dos Santos

IPÊ-Instituto de Pesquisas Ecológicas. Telefone: 55 92 3302 3186-thiago@ipe.org.br;-Laboratório de Etnoepidemiologia e Etnoecologia Indígena/INPA;-Dpt. Antropologia da Universidade Federal do Amazonas

INTRODUÇÃO

Costuma - se chamar de conhecimento ecológico tradicional ao conhecimento que populações locais têm de cada detalhe do seu entorno, do ciclo anual, das espécies animais e vegetais, dos solos, etc (Cunha, 2002). Estes saberes tradicionais não estão desvinculados da prática, envolve por um lado pesquisa, experimentação e observação e, por outro, raciocínio, especulação, intuição, supõe uma prática constante e, enfim muita troca de informação, produzidos sobre bases epistemológicas distintas da ciência ocidental (Cunha & Almeida, 2002).

A noção de paisagem corresponde a uma unidade de análise importante para se compreender o conhecimento tradicional diante do conhecimento da ciência ecológica. Para a sub - disciplina "ecologia da paisagem", a paisagem remete ao desenvolvimento e a dinâmica da heterogeneidade espacial, as interações temporais e espaciais e trocas entre unidades heterogêneas, bem como a influências destas nos processos biótico e abióticos e o manejo para benefício da sociedade (Odum & Barrett, 2008). Estudos no âmbito da ecologia da paisagem privilegiam a estrutura e configuração da paisagem e quando o elemento humano é levado em conta, a abordagem limita - se aos efeitos das ações humanas em sua configuração, o que pode - se considerar a maior lacuna deste campo de pesquisa (Silveira, 2008).

Outros dois campos de pesquisa a Ecologia Histórica e a Etnoecologia, trouxeram significativas contribuições para o entendimento da relação entre sociedades e suas paisagens. A primeira evidenciou o caráter histórico e político de sua produção, evidenciando as florestas antropogênicas amazônicas (Balée, 1989). Estudos etnoecológicos apontam para um refinamento e profundidade dos conhecimentos das populações locais sobre a paisagem (Bandeira *et al.*, 2002; Shepard *et al.*, 2001). Estes estudos, porém, enfatizam sobremaneira as categorias históricas e materiais, como no primeiro caso, e as categorias classificatórias, no segundo, dando pouca atenção às questões cosmológicas, que configuram e formam o pensamento e a prática de construção da natureza pelas sociedades nativas (Descola, 1996; Ingold,

2000; Mendes dos santos, 2007; Silveira, 2008).

Usar o conceito de paisagem numa perspectiva sócio - ecológica é falar de um objeto híbrido de natureza e cultura, cuja análise escapa aos limites particulares das ciências naturais e das ciências sociais (Silveira, 2008). Este trabalho, fruto de duas dissertações de mestrado (Cardoso, 2008; Arruda Campos, 2008), busca demonstrar a possibilidade de se estudar a paisagem na Amazônia de forma sincrônica e através do esforço de se penetrar por campos disciplinares distintos na busca de compreender como os povos e comunidades tradicionais da região se relacionam com o espaço ao longo do tempo. O que requer compreender como identificam e classificam o ambiente e, diante destas formas de "ver o mundo", como fazem para produzirem e se reproduzirem no mosaico de paisagem.

OBJETIVOS

Este trabalho é uma tentativa de análise da forma como ribeirinhos de comunidades pluri - étnicas da Amazônia Central produzem a paisagem lançando mão dos conhecimentos ecológicos adquiridos através de "fusão" de tradições e trajetórias históricas particulares.

MATERIAL E MÉTODOS

O estudo foi realizado em quatro comunidades pluriétnicas (Barreirinhas, Boa Esperança, Nova Esperança e Coanã), todas localizadas na bacia do rio Cuieiras. O rio Cuieiras, afluente do rio Negro pela margem esquerda dista de sua foz cerca de 50 quilômetros de Manaus, no Estado do Amazonas. O rio Cuieiras é caracterizado como um rio de águas pretas, conhecidos pela relativa oligotrofia e baixa produtividade terrestre e aquática. A área possui ecossistemas florestais heterogêneos como a floresta tropical densa ou terra firme, o igapó, a campina e campinarana.

A população das comunidades estudadas integra representantes das etnias Baré (Aruák), Cubeo, Piratapuia e Tukano

(Tukano), Tikuna (Tikuna) e Sateré - Mawé (Mawé) e de caboclos.

A coleta de dados teve início em agosto de 2006 e se estendeu até novembro de 2007. As primeiras visitas objetivaram um survey inicial exploratório, com acompanhamento do dia - a - dia das famílias, o que permitiu a troca de informações e a anuência para a realização dos trabalhos. Neste momento foram registrados aspectos gerais dos saberes e usos da paisagem.

A principal técnica utilizada foi a observação participante, onde buscamos realizar uma descrição etnográfica intensa das formas sincrônicas de produção da paisagem (identificação, classificação e suas práticas). Foram realizadas conversas de forma aberta com os detentores do conhecimento, com roteiro elaborado anteriormente (entrevistas semi - estruturadas) de modo a dialogar sobre a relação das pessoas com as plantas, os animais e o espaço (mitos, narrativas, saberes). Caminhadas realizadas ao longo das diversas unidades de paisagens foram fundamentais para o registro e identificação dos atributos percebidos (topografia, solos, vegetação, sucessão ecológica, espaços antrópicos, temporalidade). Foram utilizadas, como recurso da pesquisa, fotografias e imagem de satélite (LANDSAT).

RESULTADOS

Percepção do mosaico de paisagens

A topografia é o elemento mais inclusivo na classificação local da paisagem e na escolha da área para a ocupação da família e para a abertura dos espaços agrícolas. A terminologia utilizada no rio Cuieiras distingue as seguintes categorias: o baixo (área alagada), barranco (área intermediária) e terra alta ou terra firme (platô). Os entrevistados manifestam, no sentido da terra alta para as posições mais baixas do relevo, uma diferenciação na morfologia do solo com aumento gradual na quantidade de areia e conseqüente modificação da vegetação, acarretando estratégias diversas de usos da paisagem e dos recursos. Assim como em quase toda a calha do rio Negro, a instalação da infra - estrutura doméstica e a realização da agricultura no rio Cuieiras ocorrem na terra alta, isto devido a variação das inundações e a impossibilidade de se praticar atividades agrícolas nos solos empobrecidos das áreas mais baixas.

Outro aspecto ecológico percebido é o mosaico de unidades de paisagens. São reconhecidas 22 destas unidades na bacia do rio Cuieiras, distribuídas ao longo do gradiente topográfico, com tipos específicos de vegetação, de solo e de manejo humano. Algumas possuem subunidades que são nomeadas devido a alta concentração de espécies úteis. No baixo se distingue a campina, a restinga, a praia, o igapó e o chavascal. Dá - se o nome de caranazal e arumazal às subunidades paisagísticas da campina, respectivamente em referência a presença dominante da palmeira caraná e ao arumã, extraídos para a construção das casas e fabricação de artefatos domésticos e artesanais. Tirirical e arrozrana referem - se a campina com predominância de capins.

O igapó é também chamado por eles de várzea, um ambiente que alaga durante a época das cheias dos rios. Segundo os entrevistados não vale a pena plantar no igapó, pois além do rio subir e acabar com as plantações, o solo não é propício,

constituindo - se de um barro meio enlameado. Os igapós são muito visitados para caça e pesca e para extração de madeira. A vegetação chamada queimado refere - se ao igapó que passou por incêndios antropogênicos devido a folhagem e raízes secas presentes no solo, no tempo em que se fabricavam carvão na região para venda.

Nas restingas a vegetação é mais alta do que na campina, com cerca de dez a vinte metros e o solo é arenoso e mais compacto. A restinga pode ser sub - dividida em restinga alta e restinga baixa. Esta alaga em qualquer enchente e a vegetação é mais aberta, enquanto na alta a vegetação é mais fechada. O chavascal corresponde aos charcos, às áreas permanentemente alagadas. São paisagens situadas nas margens dos igarapés em áreas próximas às cabeceiras. A vegetação é mais baixa e aberta do que na mata alta, predominando como espécies indicadoras o tarumã, samambaias, palha branca, bussú, buriti e patauá (ver espécies indicadoras em Cardoso, 2008). Estas quatro últimas dão nome as sub - unidades palhau, bussuzal, buritizal e patauzal. O solo arenoso enlameado do chavascal é alagado intermitentemente e possui pequenos córregos. É o ambiente preferido para se caçar antas (*Tapirus terrestris*) e pacas (*Agouti paca*). Devido a característica do solo esta paisagem não é considerada boa para a agricultura.

Na terra alta ou terra firme se distinguem as seguintes unidades de paisagem: a caatinga, campinas alta, a mata alta ou mata virgem, capoeira, roça, sítio e quintal. Na caatinga os solos são arenosos, não se prestando para agricultura e a vegetação é de menor porte comparada a mata alta. As árvores são mais finas. A campina alta, em semelhança com a campina do baixo possui vegetação predominante de gramíneas com arbustos baixos, porém apresenta árvores de menor porte com cerca de dez metros. A mata virgem ou mata alta são o tipo de paisagem que predomina na micro - bacia do rio Cuieiras. A estrutura florestal é percebida pela mata mais fechada com pouco cipó e de grande porte, com árvores chegando a 40 metros. É a área propícia para a agricultura devido à estrutura florestal e aos tipos de solos, com predomínio de barro e areiusco, duas das principais categorias de solos reconhecidos na região.

A paisagem é percebida pela dinâmica da sucessão ecológica. A floresta em sucessão é denominada de capoeira e serve para delimitar a área de um terreno ou o território familiar. O agricultor e a agricultora podem manejar a sucessão ecológica tornando o espaço mais produtivo. Com a inserção de espécies arbóreas e posterior manejo, o sistema agrícola passa a se configurar como sítios, que são sistemas agroflorestais com alta biodiversidade, na maior parte dos casos. Pode - se falar num sistema integrado roça - capoeira - sítio - floresta.

Há unidades de paisagem construídas nos primeiros momentos de implantação da residência, os quintais. Diferentemente dos sítios os quintais se localizam ao redor das residências, onde se cultivam medicinais, ornamentais, condimentares e frutíferas. Nos quintais podem ser encontrados micro - espaços de cultivos: o canteiro, o jirau, a horta, o terreiro, a casa de farinha ou casa de forno.

Os moradores determinam marcas na paisagem expressas através dos nomes dos lugares, ou toponímias, que nos mostram através de critérios ambientais, sociais e históricos,

como os lugares são simbolizados. Estes lugares podem ser curvas de rio, morro, igarapés, lagos, pontos, cemitérios e antigas áreas de ocupação. Temos por exemplo a ilha do cemitério, onde eram enterrados os presos, igarapé do Ambrósio, onde viva um antigo morador, terra preta do Coanã pela presença de solos antropogênicos e cerâmica pré-colombiana, lago Jaradá, igarapé do Tucunará, igarapé do Coanã, igarapé do Tucumã, Lago do Peixe Boi.

- A paisagem: para além da dualidade natureza e cultura

O antropólogo Philippe Descola, em *Par - delà Nature et Culture* (2005), apresenta uma análise e síntese de estudos etnográficos que evidenciam como os povos ameríndios concebem a paisagem, considerada como espaços humanizados, produzidos ao longo dos tempos míticos e históricos pela práxis dos sujeitos. Estudando os Achuar o autor percebeu que “em todo ano, rio abaixo, ria acima, no plano inferior e no superior, baixo da terra e baixo d’água, a natureza forma um grande continuum de sociabilidade. Os lugares inacessíveis a esfera do doméstico são anexados conceitualmente pela práxis humana” (Descola, 1996). Nesta perspectiva, para o pensamento indígena a noção de que a paisagem é cultural e socializada é algo dado, distintamente da noção ocidental - cristão, que postula a oposição entre o doméstico e o selvagem, entre espaços fortemente socializados e outro que se desenvolvem independentemente da ação humana. Para muitos grupos indígenas que aparentemente opõem os espaços habitados aos florestais seria preciso analisar com detalhe o discurso e a prática dos sujeitos como forma de inviabilizar uma interpretação errônea da forma como concebem a paisagem.

No plano classificatório as unidades de paisagens do rio Cuieiras podem ser organizadas em três esferas basicamente: o espaço habitado pela família, que compreende a casa e sua extensão, as roças, quintais, capoeiras, casa de forno e o espaço habitado coletivamente, como as comunidades; os espaços florestais, que são como a mata alta, campinas, chavascal, etc, os espaços aquáticos, como o rio, igarapés, lagos, e sua parte mais profunda. Assim como na classificação dos animais e das plantas cultivadas observa-se um gradiente de acordo com o grau e socialização destes espaços. Todos estes devem ser compreendidos como sociais na medida em que elementos da práxis humana, sejam simbólicos, políticos, de gênero, históricos e condutas, estejam em operação.

Os habitantes do rio Cuieiras vêm à residência e seus prolongamentos como o espaço de socialização por excelência. Na roça é cultivada uma alta diversidade de plantas, muitas destas retiradas da floresta. A roça é o palco de interações entre as mulheres com a mandioca e a figura mítica da mãe-da-roça. É o espaço da reciprocidade, em oposição ao espaço da predação que é a floresta. Esta última é vista como um lugar bruto, tomado de perigos e acessado com temor. Nestas paisagens vivem, além de animais e plantas, outros seres, figuras ao mesmo tempo animais - espírito - gente como os encantos, visagens e a curupira. Esta, por sua vez, é considerada como mãe-das-caças. As profundezas das águas também são percebidas como os espaços onde vivem, além dos peixes e outros animais, os encantados, e organismos vorazes como a cobra-grande e peixes medonhos.

No Cuieiras, não se encontram figuras míticas que teriam criado/cultivado o que chamamos de floresta. Esta, juntamente com os animais e vegetais, foram criados pelo Deus cristão. Porém, muito destes seres mantém elementos que permitem estabelecer laços sociais com os humanos. Em todas as unidades de paisagem ocorrem processos inter-subjetivos de socialização de diversos tipos entre humanos e destes com não humanos. Uma desta se dá entre o caçador e o curupira, na floresta, e entre a mulher e a mãe-da-roça, que geram condutas e regras como visto em Cardoso (2008) e Arruda Campos (2008). Outro tipo de relação decorre da noção de manso e brabo. Em todos os espaços pode haver seres mansos e brabos. O posicionamento de um humano ou de um não humano a uma das duas categorias vai decorrer da relação do classificador com o “outro”, uma relação de identidade e alteridade.

Desta maneira, pode-se dizer que, no rio Cuieiras, não persiste no pensamento nativo uma imperativa concepção dualista entre natureza e sociedade, sendo esta um objeto estático a serviço da segunda. Ao contrário, a natureza é vista, pelos grupos sociais locais, como parte da vida social e não como externa e oposta a esta. Pode-se afirmar, como metáfora, que o habitante do rio Cuieiras caminha pela floresta da mesma forma que um cidadão urbano caminha entre prédios e automóveis, percebendo os elementos da paisagem como familiares e portadores de alguma sujeição no mundo.

CONCLUSÃO

Utilizada neste texto como forma de diálogo com a ecologia, a noção de paisagem é substantivamente produzida pelos sujeitos sociais do rio Cuieiras, portanto não é um conceito e nem uma realidade dada a priori. O que está em jogo são epistemologias distintas, o que nos convida a qualificar o diálogo entre os conhecimentos tradicionais e aqueles da ciência ecológica, sobre outros patamares. E isto é relevante quando tratamos de realizar tentativas de diálogos inter-científicos e inter-culturais durante projetos de etnodesenvolvimento ou de conservação da biodiversidade, que muitas vezes não têm sucesso justamente por que os saberes tradicionais não são levados a sério em sua completude e complexidade.

O contexto do rio Cuieiras nos leva a concluir, ainda, que persiste uma noção de paisagem como sendo produzida pela cultura. Esta forma de percepção está ligada a uma forma como estes vêm o mundo, em particular as relações humanas e dos humanos com os não humanos. É importante salientar que, apesar das formas comuns de conceber a paisagem (pacto de entendimento?) as distintas trajetórias históricas da região resultam em distintas formas de acesso - lá, questão que exige melhores estudos.

Procuramos aqui adotar uma concepção mais ampla de paisagem, margeando e dialogando com o campo da ecologia de paisagens. Este diálogo envolve a abordagem de heterogeneidade espacial, a idéia de mosaico, o foco em fluxos e redes na paisagem, a questão da escala, o abandono no foco no equilíbrio, são importantes elementos trazidos pela ecologia de paisagens. Da abordagem geográfica da ecologia de paisagens e da ecologia histórica, podemos guardar

a necessidade de um olhar histórico, e a idéia de que não é possível entender a paisagem sem entender a ação humana. Da antropologia trazemos a idéia de que as propriedades do espaço dependem dos modos de olhar do observador.

Agradecimentos

Este trabalho se baseia nos resultados de duas pesquisas realizadas através do programa de pós - graduação em ecologia do INPA. Agradecimento especial ao IPÊ, a FAPEAM, ao CNPq e ao IIEB (programa BECA) pelo financiamento destes projetos.

REFERÊNCIAS

Arruda Campos, M.A. Cruzando ecologias com os caçadores do rio Cuieiras: saberes e estratégias de caça no baixo rio Negro. Coordenação de Pós - Graduação em Ecologia, Manaus,AM, INPA.2008, 105p.

Balée, W. The culture of Amazonian forest. *Advances of Economic Botany*, 7:1 - 21, 1989.

Bandeira, F. P., Toledo, V.M. & López - Blanco, J. Tzotzil Maya Ethnoecology: Landscape Perception and Management as a Basis for Coffee Agroforest Design. *Journal of Ethnobiology*, 22(2), 2002, p:247 - 272.

Cardoso, T.M. Etnoecologia, construção da diversidade agrícola e manejo da dinâmica espaço temporal em roças

indígenas no rio Cuieiras (baixo rio Negro, Amazonas). Co-ordenação de Pós - Graduação em Ecologia, Manaus,AM, INPA. 2008, 154p

Cunha, M.C. Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. Conferência na Reunião da SBPC em Belém, 2007.

Cunha, M., Almeida, M.B. Introdução. In: *Enciclopédia da Floresta, o Alto Juruá: práticas e conhecimentos das populações*. São Paulo: Companhia das Letras.2002, 735p.

Descola, P. *Par - delà nature et culture*. Edition Gallimard.2005, 618p.

Descola, P. *La selva culta: simbolismo y praxis en la ecologia de los Achuar*. Colección Pueblos de Ecuador (3), Ediciones ABYA YALA.1996,468p.

Ingold, T. *The Perception of the Environment: Essays in Livelihood, Dwelling and Skill*. Routledge, London, 2000.

Odum, E.P., Barrett, G.W. *Fundamentos de Ecologia*. Cengage Learning.2008, 612p.

Shepard Jr.,G.,Yu, D.W., Lizarralde, M. Rain forest habitat classification among the Matsigenka of the Peruvian Amazon. *Journal of Ethnobiology*, 21(1), 2001.

Silveira, P.C.B. *Etnografia da paisagem: natureza, cultura e hibridismo em São Luiz do Paraitinga*. Departamento de Antropologia, Campinas,SP, UNICAMP. 2008, 226p.